

# RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO



Ilr. : AILTON PINTO DE TRINDADE BRANCO

JOSÉ INÁCIO DA SILVA FILHO  
NÊODO AMBRÓSIO DE CASTRO

O Rito Escocês Antigo e Aceito, nasceu na França, como "o rito dos Stuart, da Inglaterra e da Escócia" tendo sido a primeira manifestação maçônica em território francês (1649), antes mesmo da fundação da Grande Loja de Londres (1717).

Desde a criação da Grande Loja de Londres em 1717, apareceram na França dois ramos distintos da Maçonaria. Um dependente da Grande Loja de Londres e outro (escocês) autônomo que não estava ligado a nenhum sistema obediencial. Viviam sob o antigo preceito maçônico de que os maçons tinham o direito de constituir lojas sem prestar contas de seus atos a uma autoridade ou poder supremo ("O Maçom Livre na Loja Livre").

As Lojas Escocesas eram maioria, na França. Até 1766, somente três Lojas, entre as 487 Lojas existentes, tinham patente da Grande Loja de Londres.

Em 1758 criou-se, no escocêsismo, os altos graus (25 graus do chamado rito de Héredom) que no entanto só foi plenamente estabelecido 1801 com a fundação em Charleston (Estados Unidos), do primeiro Supremo Conselho do Mundo do chamado Rito Escocês Antigo e Aceito.

## A DOCTRINA INICIÁTICA DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO

Os principais pontos da Doutrina do Rito Escocês Antigo e Aceito estão contidos nas instruções dos três Graus Simbólicos.

Embora existam variações de Obediência para Obediência e de país para país, as linhas mestras de doutrina estão sempre presentes e podem servir para os ensinamentos em qualquer parte do mundo. São elas:

A maçonaria é uma associação íntima de homens e mulheres escolhidos, cuja doutrina tem por base o Grande Arquiteto do Universo, que é Deus; como regra: a lei Natural; por causa: a Verdade, a Liberdade, a Fraternidade e a Caridade; por frutos: a Virtude, a Sociabilidade e o Progresso; por finalidade: a felicidade de todos os povos, que ela procura, incessantemente, reunir sob sua bandeira de Paz. Assim, nunca deixará, a Maçonaria, de existir no gênero humano.

## 2. Os deveres de um Maçom são:

- Honrar e venerar o Grande Arquiteto do Universo, a quem agradece todos os dias pelas boas ações que pratica, em relação ao próximo, e os bens que lhe couberem em partilha.

- Tratar todos os seres humanos como seus iguais irmãos, sem distinção de sexo, raça, nacionalidade e classe social.

- Combater a ambição, o orgulho, o erro e os preconceitos.

- Lutar, sempre, contra a ignorância, a mentira, o fanatismo e a superstição, que são flagelos provocadores de todos os males que afligem a humanidade e impedem o progresso.

- Praticar a justiça recíproca, como verdadeira salvaguarda dos direitos e dos interesses de todos, e a tolerância, que dá, a cada um, o direito de escolher suas opiniões e seus credos religiosos.

- Deplorar os que erram, esforçando-se, todavia, para reconduzi-los ao caminho da Verdade.

- Socorrer os infortunados e os aflitos.

Esses deveres são cumpridos, porque o Maçom deve ter fé, que lhe dá a Coragem, a Perseverança, que vence os obstáculos, e o Devotamento, que o leva a praticar o Bem, mesmo com o risco de sua vida e sem esperar nenhuma outra recompensa além da tranqüilidade de consciência.

3. O Sinal do Primeiro Grau significa a honra de saber guardar o segredo preferindo ter a Garg.'. cort.'. a revelar os Mistérios da Ordem; significa também, que o braço direito, símbolo da Força, está concentrado e imóvel para defender a Maçonaria, com suas Doutrinas e seu Princípios.

4. Os passos em esquadria, representam o cruzamento de duas linhas perpendiculares, único caso em que formam quatro ângulos retos iguais, simbolizando a Retidão do caminho seguido e a Igualdade, um dos princípios basilares da Instituição.

5. O candidato à iniciação consegue penetrar no Templo por três pancadas, cujo significado é: "Batei e sereis atendido; pedi e recebereis; procurai e encontrareis".

6. O candidato deve ser recebido numa Loja justa, perfeita e regular. Para que uma Loja seja Justa e Perfeita, é preciso que três a governem, cinco a componham e sete a completem. Existe outro conceito: Uma Loja é justa quando estão presentes, no mínimo, sete Obreiros, e é perfeita quando o Livro da Lei está aberto sobre o Altar dos Juramentos. Loja regular é aquela que pertence a uma Obediência Maçônica regular e reconhecida.

7. A venda nos olhos do candidato simboliza as trevas e os preconceitos do mundo profano, mostrando, também, a necessidade que tem, o ser humano, de procurar a luz entre os iniciados. O pé descalço, além de demonstração de respeito ao adentrar o Templo, provocará uma marcha claudicante, que simboliza o árduo caminho do candidato, em direção a luz. O braço e o peito desnudos significam que o candidato dará o seu braço em defesa da Ordem e o seu coração a todos os seus Irmãos. As pontas do Compasso, sobre o peito, mostram, ao candidato, que, se em sua vida profana, os seus sentimentos e as suas ações não foram reguladas por esse instrumento da exatidão, isso deverá acontecer a partir de sua Iniciação.

8. A Pedra Bruta é o emblema do Aprendiz, com representação de tudo aquilo que se deve ser aperfeiçoado. O trabalho de desbastamento, esquadrejamento e polimento da Pedra Bruta simboliza o próprio aperfeiçoamento moral e espiritual do Neófito.

9. As Colunas Vestibulares do Templo possuem, simbolicamente, as dimensões das colunas do Templo de Jerusalém: 12 de circunferência, 12 de base e 5 nos capitéis. Essas dimensões, para colunas não destinadas à sustentação, vão contra as regras da Arquitetura, no sentido de mostrar que a Ciência e o Poder do Grande Arquiteto do Universo estão além das dimensões e dos julgamentos humanos. As romãs, que as adornam, com milhares de sementes contidas no mesmo fruto, embora em diversos compartimentos, simbolizam o próprio povo maçônico universal, que, por mais multiplicado que seja, constitui uma só família.

10. O Pavimento de Mosaico, formado por elementos brancos e negros, e o emblema da irregularidade do solo e das dificuldades da caminhada iniciática; simboliza, também, os opostos; a Virtude e o vício, a Boa e a má sorte, a Sabedoria e a ignorância, o Bem e o mal. Com os quadrados brancos e negros, unidos pelo mesmo cimento, ele é o símbolo, também, da união entre os Maçons do planeta, independentemente de raças, cores e credos políticos e religiosos.

11. A Espada Flamejante é o símbolo da Justiça, que deve punir todos os que se afastarem do caminho do Bem; mostra, também, com sua forma estilizada de um raio, que a justiça deve ser pronta e rápida, como um raio.

12. O Esquadro, como jóia do Venerável Mestre, mostra que o dirigente de uma Oficina deve, sempre, pautar os seus atos pela mais absoluta retidão de caráter. O Nível, jóia do Primeiro Vigilante, simboliza a igualdade social, que é a base do direito natural. O Prumo, jóia do Segundo Vigilante, mostra que o Maçom deve ser reto em seus julgamentos, sem ser influenciado por interesses pessoais, ou pelos seus próprios sentimentos. O Nível e o Prumo, separados, nada valem numa construção; ambos, todavia, completam-se, mostrando-se, que o Maçom deve cultivar a

Igualdade, nivelando todos os seres humanos, e a Retidão, que não o deixará pender, para qualquer dos lados, pela amizade, ou pelo interesse.

13. A Loja, simbolicamente, apóia-se em três colunas (ou pilares); Sabedoria, Força e Beleza. O Venerável representa a coluna da Sabedoria porque dirige os Obreiros; o 1º Vigilante representa a coluna da Força porque paga, aos Obreiros, o salário, que é a força e a manutenção da vida; o 2º Vigilante representa a coluna da Beleza, porque faz repousar os Obreiros, fiscalizando o seu trabalho. A Sabedoria, a Força e a Beleza são complementos de todas as obras humanas; sem elas nada é perfeito e durável, pois a Sabedoria cria, a Força sustenta e a Beleza adorna.

14. A Maçonaria combate a ignorância, em todas as suas formas, porque a ignorância é a mãe de todos os vícios e o seu princípio é nada saber, saber mal o que se sabe e saber coisas outras além do que deveria saber. Não pode, o ignorante, medir-se com o sábio, cujos princípios são a tolerância, o amor e o respeito a si próprio. É por isso que os ignorantes são irascíveis, grosseiros e perigosos; perturbando e desmoralizando a sociedade, evita que os seres humanos conheçam os seus direitos e saibam, no cumprimento dos seus deveres, que, mesmo com constituições liberais, um povo ignorante é escravo. Inimigos do progresso, afugentam as luzes, aumentam as trevas e permanecem em eterno combate contra a Verdade, a Perfeição e o Bem.

15. A Maçonaria combate o fanatismo, porque a exaltação religiosa perverte a razão e leva os insensatos à prática de ações condenáveis, em nome de Deus e sob o pretexto de honrá-lo. O fanatismo é uma doença mental, desgraçadamente contagiosa, que, estabelecida num país, toma foros de lei, como nos execráveis autos da fé, que fizeram perecer milhares de homens e mulheres úteis a sociedade. A superstição é um falso culto mal compreendido, pleno de mentiras, contrário a razão e as idéias sãs, que se devem fazer de Deus; é a religião dos ignorantes, dos timoratos. O fanatismo e a superstição são os maiores inimigos da religião e da felicidade das nações.

16. A Solidariedade, que deve existir entre os Maçons, é a mais pura e fraternal, mas deve ser restrita aos que praticam o bem e sofrem os espinhos da vida; aos que, nos trabalhos lícitos e honrados, são infelizes; aos que embora com fortuna, sentem, na alma, o amargor das desgraças. Onde houver uma causa justa, aí deverá se fazer sentir a solidariedade maçônica. Quando, entretanto, um Maçom, olvidando os princípios da Ordem, desvia-se da moral, tornando-se um mau cidadão, um mau pai, uma má mãe, um mau filho, uma má filha, um mau marido, uma má esposa, um mau irmão, uma má irmã, um mau amigo e uma má amiga; quando, cego pelo ódio ou pela ambição, pratica atos considerados indignos de um Maçom, ele rompe o compromisso de solidariedade que não mais poderá existir, pois, se ela fosse mantida, haveria a convivência com atos degradantes. Assim, o Maçom que procede mal, perde todo o direito ao auxílio material e, principalmente, ao amparo moral de seus Irmãos.

17. A Maçonaria combate a escravidão, porque todo o ser humano é livre, podendo, porém, estar sujeito a entraves sociais, que o privem, momentaneamente, de uma parte de sua liberdade e - o que é pior - o tornem escravo de suas próprias paixões e de seus preconceitos. É desse jugo, exatamente que se deve libertar o candidato à Luz Maçônica, já que o ser humano que abdica, voluntariamente, de sua liberdade, não pode contrair nenhum compromisso sério.

18. Os instrumentos necessários à transformação da Pedra Bruta em Pedra Cúbica são: a princípio, o Maço e o Cinzel, em seguida a Régua e o Compasso, depois a Alavanca e, finalmente, o Esquadro. O Maço e o Cinzel, como instrumentos destinados a desbastar a Pedra Bruta, mostram, ao Maçom, como devem ser corrigidos os seus defeitos, tomando sábias resoluções (simbolizadas pelo Cinzel), que uma enérgica determinação (simbolizada pelo Maço) coloca em execução. A Régua, permitindo o traçado de linhas retas, que se podem prolongar ao infinito, simboliza o direito inflexível, a lei moral, no que ela tem de mais rigorosa e imutável. A esse absoluto, opõe-se o círculo da relatividade, cujo raio é medido pelo afastamento das hastes do Compasso; como são limitados os meios de realização humana, o plano de trabalho deve ser traçado, levando em conta não só a idéia do abstrato, que deve ser seguida (Símbolo= Régua), como a realidade concreta (Símbolo=Compasso), com as quais o ser humano está acostumado. A Alavanca simboliza o poder irresistível de uma inarredável vontade, quando sabiamente aplicada; a Régua, todavia, é aplicada junto com a alavanca, para mostrar os limites do poder e por que a vontade só é invencível quando colocada a serviço do direito absoluto. O Esquadro, permitindo controlar o corte das pedras, que devem ser regulares, para que se ajustem umas as outras, com exatidão, determina, ao Maçom, que a perfeição consiste, para o ser humano, na justeza com que se coloca na sociedade.

19. O sábio humilha-se, sempre, quando em presença de uma verdade que ele reconhece superior à sua compreensão, esquivando-se, assim, de ser o instrutor das multidões, porque, conscientemente, jamais poderia satisfazer-lhes a justa curiosidade e, na impossibilidade de fazê-las compreender o erro e de conduzi-las ao real caminho da Verdade, abandona-as às suas grosseiras fantasias. O verdadeiro Iniciado, todavia, tem o dever de acudir em auxílio a todos os que ele julgar iniciáveis, daquele que, independentes, revoltam-se contra as tiranias e as arbitrariedades, pois estes merecem ser ensinados a procurar os níveis, daquele que, independentes, revoltam-se contra as tiranias e as arbitrariedades, pois estes merecem ser ensinados a procurar o Real, o Verdadeiro, sem a preocupação, nem a esperança de triunfo, que só é alcançado pelo repouso de uma inteligência satisfeita. Embora, na realidade o ser humano nunca possa chegar a saber, ele procura saber, buscando, avidamente, adivinhar o Eterno Enigma, o enigma da vida, crente de que este é o seu mais nobre e mais elevado destino. A Verdade, esse mistério inacessível, que atrai o ser humano com uma força irresistível, é muito vasta, muito viva, muito livre e bastante sutil, para se deixar prender, imobilizar, estereotipar e petrificar na rigidez de um sistema qualquer que ele seja. Os artifícios e as roupagens com as quais a Verdade é revelada, para ser dada ao conhecimento público, só servem para deturpá-la, tornando-a, geralmente, irreconhecível, já que tudo o que se procura objetivar com o auxílio de subterfúgios, será sempre um reflexo ilusório, uma imagem apagada da grande Verdade, que o Iniciado busca, em vão, contemplar e encarar. Para isso, ele recebe a iniciação, que ensina, principalmente ao Companheiro e, em primeiro lugar, a esquecer tudo aquilo que lhe é próprio, para, em seguida, concentrar-se, descendo ao âmago dos próprios pensamentos, com o intuito de se aproximar da fonte da pura Verdade, instruindo-se, assim, não pelas sábias lições dos Mestres, mas pelo exercício constante de Meditação. Assim procedendo, ele não conseguirá, naturalmente, aprender tudo quanto encerram os livros e ensinam as escolas. Mas, para que sobrecarregar a memória, muitas vezes o ser humano engana-se com o caráter ilusório do que lhe parece verdadeiro? o simplesmente ignorante está mais próximo da verdade do que do fátuo e arrogante, que se jacta de uma ciência enciclopédica, apoiada, unicamente, em falsas noções. Em matéria de saber, a qualidade supera a quantidade; é preferível saber pouco, mas este pouco saber bem.

Deve, o Iniciado, saber distinguir o real do aparente, não se apegando, apenas, às palavras, às expressões, por mais belas que elas pareçam; deve se esforçar para discernir aquilo que é inexplicável, intraduzível, a Idéia-Princípio, o âmagô, o espírito, sempre mal e imperfeitamente interpretado nas mais bem construídas frases. Só dessa maneira é que ele afastará as trevas do mundo profano e atingirá a clarividência dos Iniciados verdadeiros. Estes se distinguem pela penetração de espírito e pela capacidade de compreensão que possuem. Grandes sábios e célebres filósofos tem permanecido profanos, por não terem compreendido o que obscuros pensadores conseguiram discernir por si mesmos, à força de refletirem e meditarem, no silêncio e no recolhimento. Para ser um verdadeiro Iniciado, pode-se ler pouco, mas pensar muito, meditar sempre e, principalmente, não ter receio de sonhar.

20. Tudo, no mundo, parece, com exceção do sol, da inteligência e do amor, de que o Grande Arquiteto do Universo se fez o santuário, onde desmoronam os lances infernais do gênio do mal, que tende a secar as fontes da felicidade humana. A Maçonaria nasceu e fortificou-se para enfrentar, destemidamente a todos os males que enfraquecem o ser humano. Ao ser recebido no Grau de Mestre, o Iniciado terá a plena certeza de que é digno de partilhar dos trabalhos constantes dos Maçons, na guerra, em que, sob a égide do Grande Arquiteto do Universo, empenham todos os seus esforços e todo o seu amor em prol da humanidade. Sua responsabilidade estará aumentada; se a Ordem lhe assegura, por toda parte passagem e proteção, ela espera, também, o seu esforço contínuo, o seu trabalho ininterrupto, em favor da libertação das inteligências oprimidas, e a sua coragem, a toda prova, quando precisar se arriscar para salvar os seus Irmãos. O Mestre deve irradiar, por toda a parte a luz que recebeu; deve procurar, na sociedade profana, os corações bem formados, as inteligências livres, os espíritos elevados, que fugindo dos preconceitos e da vida fácil, buscam uma vida nova e podem se tornar elementos úteis e poderosos para a difusão dos princípios maçônicos; deve aprender a dominar-se e fugir de todo sectarismo. Sendo amigo da Sabedoria, deve guardar sempre, o equilíbrio mental, que caracteriza o ser são de espírito. Não se constrói um edifício, apoiando-o sobre uma única coluna; assim, o Mestre deve saber, no seu trabalho de construção moral e intelectual, equilibrar, sempre, os ensinamentos da razão com os sentimentos do coração. Deve recordar que a Maçonaria vai sempre, em auxílio dos desgraçados, quaisquer que sejam suas opiniões; que, em sua ação social, ela liberta as consciências e reaviva a coragem daqueles que nada mais esperam. Deve saber, enfim, o Mestre, que, se como um novo Hiram Abi, ele estiver a ponto de receber um golpe fatal, vibrado por inconscientes e revoltados, todos os seus Irmãos saberão defendê-lo e que, se sucumbir gloriosamente, no cumprimento do dever, todos os Mestres dedicados procurarão, mais tarde, os vestígios de suas obras, porquanto o ramo de acácia servirá para que reconheçam os esforços que ele fez, em benefício do desenvolvimento da Sublime Ordem.

21. Os instrumentos necessários à complementação do trabalho simbólico dos Maçons são: o Cordel, o Lápis e o Compasso. Nas construções, o cordel serve para marcar todos os ângulos do edifício, fazendo-os iguais e retos, para que os alicerces possam suportar a estrutura; com lápis, o arquiteto traça os diversos planos para a construção e orienta os operários; o compasso serve para determinar, com precisão, os limites e as proporções das diversas partes da construção. Já na Maçonaria, que é simbólica e não mais de ofício (ou operativa), esses utensílios são aplicados por analogia, aos preceitos da moral difundida pela Ordem. Dessa maneira, o cordel indica a linha de conduta do Mestre, sem falhas e baseada nas verdades contidas no Livro da Lei; o lápis adverte-o

que seus atos, palavras e pensamentos são observados pelo Grande Arquiteto do Universo, a quem ele deve prestar contas de seu procedimento na vida; o compasso, por fim, lembra a justiça de Deus, imparcial e infalível, mostrando que é necessário distinguir o Bem do mal, a justiça da iniquidade, para que o Mestre fique em condições de apreciar e medir, com justo valor, todos os atos que tiver que praticar.

22. A união do Esquadro e do Compasso forma a insígnia do Mestre. O Esquadro regula o trabalho do Maçom, que deve agir com retidão, inspirado na eqüidade; o compasso dirige essa atividade esclarecendo-a, para que produza a mais judiciosa e fecunda aplicação. O compasso, todavia, é que é o utensílio dos Mestres, pois só eles sabem manejá-lo com precisão, medindo todas as coisas, levando, porém, em consideração a sua relatividade. A razão do Mestre, fixa como a cabeça do compasso, julga os acontecimentos de acordo com as causas ocasionais; o seu julgamento inspira-se não nas rígidas graduações da Régua, mas num discernimento, baseado na adaptação rigorosa da lógica à realidade.

Por que 1804?

O nome Rito Escocês Antigo e Aceito foi anunciado para o mundo maçônico após a criação do primeiro Supremo Conselho em Charleston, Estados Unidos, em 31 de maio de 1801.

Em 4 de dezembro de 1802, uma circular levou ao conhecimento dos maçons, principalmente europeus, a criação do Conselho-Mãe em Charleston, na Carolina do Sul, denominado Supremo Conselho dos Soberanos Grandes Inspetores Gerais, 33º e último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Antes de 1801, fora fundado pelo Conde de Grasse-Tilly, um Supremo Conselho nas Índias Ocidentais Francesas, com 33 graus. Entretanto, esse Supremo Conselho foi ignorado e abafado pelo Supremo Conselho norte-americano, que conseguiu fazer-se constar como o Supremo Conselho-Mãe do Mundo.

Nos três primeiros anos de vida do Supremo Conselho norte americano, o Rito Escocês Antigo e Aceito permaneceu sem ritual próprio. Os Altos Graus funcionaram com os Graus de Perfeição do Rito de Heredom, acrescentados dos oito novos graus que totalizavam os 33. Os novos graus não eram Iniciáticos e ganharam conteúdo mais administrativo que litúrgico. Os Graus Simbólicos, na época conhecidos como Maçonaria Azul, foram os da ritualística norte americana.

O segundo Supremo Conselho criado foi o de France, em 1804, quando também foi confeccionado o primeiro ritual dos graus simbólicos do Rito, o “Guide des Maçons Écossais”. Foi idealizado pelos maçons franceses, apelidados de “escoceses”, que fundaram nesse mesmo ano, 1804, uma nova Obediência Maçônica em Paris: a “Grande Loja Geral Escocesa”, mais uma Loja-Mãe do Rito Antigo Aceito, um modelo ritualístico recebido dos maçons integrantes da Grande Loja dos “Antigos” de Londres. A Grande Loja Geral Escocesa de Paris uniu particularidades do Rito Antigo Aceito, de origem operativa, praticado na Escócia, com a natureza hebraica do Rito de Perfeição e organizou um ritual para os graus ditos simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito.

## Lojas-Mãe Escocesas na França

Assim como no presente se associa naturalmente Supremo Conselho com Rito Escocês Antigo e Aceito, pode-se considerar a mesma associação no passado entre maçonaria azul e as Lojas-Mãe Escocesas. Na França, a primeira Loja-Mãe Escocesa foi a de Marselha, criada em 1751, coincidindo com a fundação da segunda Grande Loja em Londres, que se declarou dos “Antigos Maçons”. A segunda Loja-Mãe na França foi a de Avinhão e a terceira, a Grande Loja Geral Escocesa, já referida, criada em Paris, em 1804, para organizar o ritual que serviu para os três graus básicos dos 33 da vertente latina do Rito Escocês Antigo e Aceito.

O Rito Escocês Antigo e Aceito nasceu sem graus simbólicos próprios.

O Supremo Conselho fundado em 1801, nos Estados Unidos, veio para organizar a maçonaria praticada nos chamados Altos Graus, entre os quais estavam os do Rito de Heredom, criado a partir de 1758 e usado como referência para a criação do Rito Escocês Antigo e Aceito. O novo Rito se constituiu literalmente de 33 graus. Na prática, dos 33 graus, o Supremo Conselho de Charleston interessou-se em comandar do 4 ao 33, não se envolvendo com os três primeiros para evitar conflito com a maçonaria norte americana das Lojas Azuis. Desistiu de qualquer tipo de ingerência nos graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre do Rito Escocês Antigo e Aceito. E com essa mesma concepção, o Rito chegou na França, em 1804, através do Supremo Conselho fundado em Paris, dentro do Grande Oriente de France, que tinha o Rito Moderno, ou Francês, como oficial. Inicialmente, o Supremo Conselho de France manteve o mesmo modelo de seu precursor americano: deixou os graus simbólicos para a Grande Loja Geral Escocesa, criada também em 1804, para organizar os graus simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito, que funcionou, ao exemplo do Supremo Conselho, dentro do Grande Oriente de France. A partir de 1816, com o desaparecimento da Grande Loja Geral Escocesa, o Grande Oriente assumiu as atribuições do simbolismo escocês antigo na França e, ao fazê-lo, diminuiu a autoridade do Supremo Conselho sobre o número de graus, criando, sob sua jurisdição, as Lojas Capitulares, que trabalham dos graus 1º ao 18º do Rito Escocês Antigo e Aceito. Nessa ocasião, lançou um novo ritual para as Lojas Capitulares, em 1820, implantando diversas alterações no ritual de 1804.

O ritual de 1804, em linhas gerais, reproduz os procedimentos praticados pelos maçons da Grande Loja dos “antigos” de Londres. Algumas diferenças foram inevitáveis para conciliarem a ritualística da maçonaria azul dos “antigos” com o simbolismo fundamental dos Altos Graus. Por isso, o Primeiro Vigilante foi deslocado do centro do Ocidente, em frente ao Venerável Mestre, para junto da Coluna do Norte e o Segundo Vigilante trazido do meio da Coluna do Sul para a ponta da mesma Coluna, ambos lado a lado no Ocidente. A nova distribuição das Luzes no Templo compatibilizou-as com a encontrada nos graus acima do 3, os Graus de Perfeição recolhidos do Rito de Heredom.

As duas vertentes de influência no Rito.

A idéia de um rito maçônico originário do movimento de criação dos Supremos Conselhos a partir dos Estados Unidos da América, que ganhou o nome de Rito Escocês Antigo e Aceito, se apoiou na certeza de que o importante no arcabouço do Rito seriam os Altos Graus. A maçonaria azul teria o papel apenas de base do edifício, servindo de arregimentadora de



pretendentes. O primeiro Supremo Conselho concebeu o Rito com 33 graus, mas deu aos três primeiros importância mínima, não lhes revestindo da roupagem própria do escocismo. Aproveitou o que já existia no país e sobre eles montou a estrutura principal do 4º ao 33º. Presentemente, considera-se que essa foi a vertente anglo-saxã do Rito Escocês Antigo e Aceito, que permanece sem rituais próprios para Aprendiz, Companheiro e Mestre. Nos Estados Unidos o Rito existe do grau 4º para cima. Não há Loja especializada em trabalhos simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito.

A existência de duas influências ritualístico-institucionais foi materializada após a chegada do Rito na França. Até 1813, as Lojas-Mãe Escocesas lideraram a maçonaria azul na França e mantiveram a ritualística sem alterações. A fusão das duas Grandes Lojas inglesas, a dos “modernos” e a dos “antigos”, na atual Grande Loja Unida da Inglaterra, enfraqueceu a posição das Obediências que preservavam a ritualística dos “antigos”, como foi o caso das Lojas-Mãe Escocesas, que desapareceram nos anos seguintes. Quando o Grande Oriente de France assumiu os Graus Simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito e criou as Lojas Capitulares, estabeleceu um segundo modelo de funcionamento e jurisdição para o Rito. Os Altos Graus se constituíram do 19º ao 33º sob a hegemonia do Supremo Conselho e os graus abaixo desses ficaram sob a autoridade do Grande Oriente. As divergências entre o Supremo Conselho de France, de um lado, e os Supremos Conselhos dos Estados Unidos e da Inglaterra, de outro, dividiram o Rito Escocês Antigo e Aceito em duas vertentes; uma ortodoxa, a anglo-saxônica, e uma heterodoxa, latina ou francesa. Foram alterados alguns procedimentos ritualísticos, símbolos e até a concepção interna do Templo. Uma das principais modificações foi a implantação de um desnível que passou a caracterizar o Oriente como uma região geográfica delimitada e não mais constituída apenas pelo Venerável Mestre. A cor igualmente foi trocada. O azul da maçonaria azul cedeu lugar para o vermelho do Grau Rosa-Cruz, o mais elevado da Loja Capitular, e os graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre passaram a fazer parte de uma denominação nova; o simbolismo, que recebeu o vermelho. O simbolismo substituiu a maçonaria azul. Assim se formou a vertente latina do Rito Escocês Antigo e Aceito. Mais tarde, os Supremos Conselhos do mundo inteiro reivindicaram o retorno para o sistema inicial, ou seja, com poderes sobre o conjunto de graus a partir do 4º e se estendendo até o 33º, ocasionando o desmantelamento das Lojas Capitulares. No entanto, as cores permaneceram as duas, dependendo da vertente e a ritualística também, pois o simbolismo da vertente latina é diferente da vertente anglo-saxã.

AILTON PINTO DE TRINDADE BRANCO  
Presidente da Oficina de Restauração do REAA

## O TEMPLO MAÇÔNICO DO R.:E.:A.:A.:

Estudo sobre o Templo Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito, fundado nos textos de vários rituais editados no Brasil desde 1898 e nas pesquisas e obras dos Irm.: Theobaldo Varoli Filho e José Castellani.

### As dimensões do Templo Maçônico

O Templo tem, internamente, a forma de um quadrilongo de comprimento igual ao triplo de sua largura, sendo dividido, no sentido longitudinal, ou do seu maior eixo, em três partes: a primeira compreende o Oriente, a segunda engloba o Ocidente, o Norte e o Sul, e a terceira corresponde ao Átrio.

O Oriente, com sua largura igual ao seu comprimento, tem a forma de um quadrado perfeito; o Ocidente tem o seu comprimento uma vez e meia maior que a sua largura; enquanto que o Átrio tem o seu comprimento igual à metade de sua largura.

Sendo possível, a largura do Templo deve ser igual à sua altura e a parede de fundo semicircular.

Essas são as verdadeiras dimensões de um Templo Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito. Definir as suas dimensões como tendo a forma de um **"retângulo no Ocidente e de um quadrado do Oriente"**, como o faz o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 11), é desconhecer que o Átrio é parte integrante do Templo.

### O Pavimento Mosaico

O soalho do Ocidente é representado pelo Pavimento Mosaico, constituído de ladrilhos quadrados brancos e pretos, dispostos, alternadamente, em diagonal, e não em formato de tabuleiro de xadrez, como se vê em muitas Lojas.

A propósito desta disposição, veja-se a correspondência do que se afirma com o plano do Templo figurado no Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 15), onde o pavimento de mosaico recobre apenas o soalho do Ocidente, com os ladrilhos pretos e brancos dispostos alternadamente e em digonal.

O soalho do Ocidente não deve ser composto por **"losangos alternadamente brancos e pretos"**, como preceituava o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 11). Como se sabe, o losango é um quadrilátero plano que tem os lados iguais, e dois ângulos agudos e dois obtusos, enquanto que o quadrado é um quadrilátero cujos lados são iguais entre si e cujos ângulos são retos.

Os ladrilhos devem ser de tamanho que proporcione a medida dos passos regulares da Maçonaria que, no Rito Escocês Antigo e Aceito, são seguidos com os pés em esquadria, abertos para frente.

No Rito Moderno é que o Pavimento Mosaico pode configurar um tabuleiro de xadrez, pois nesse rito os passos regulares e a esquadria pedestal acompanham os lados do quadrado.

O Pavimento Mosaico extensivo ao soalho do Ocidente foi a norma nas Grandes Lojas do Brasil até 1942, quando, a partir de então, por iniciativa do Irmão General Joaquim Moreira Sampaio, sucessor do Irmão Mário Behring, ficou restrito ao centro do Templo, com o formato de um tabuleiro de xadrez circundado por uma orla dentada, sobre o qual era proibido pisar, salvo nas passagens ritualísticas previstas.

Alguns ritualistas defendem a tese de que o Pavimento Mosaico deve revestir todo o soalho do Templo, inclusive o Átrio. Esses mesmos ritualistas, no entanto, incluem em suas obras planos de Templos Maçônicos com o Pavimento Mosaico revestindo apenas o Ocidente.

Dáí porque o Projeto de Ritual do 1º Grau que integra esta proposta de revisão ritual acolhe a recomendação de que o Pavimento Mosaico deva revestir apenas o Ocidente.

### A Orla Denteada

Contornando todo o Pavimento Mosaico coloca-se, de modo contínuo, a Orla Dentada, formada por ladrilhos triangulares brancos e pretos, estes últimos, com suas bases voltadas para as paredes do Templo.

Quando não for possível tal disposição, a Orla Dentada deve figurar no alto das paredes, à altura da Corda de 81 Nós.

### A decoração do Templo

As paredes e o teto do Templo são decoradas em azul-celeste, restringindo-se o carmim aos cortinados, à tapeçaria em geral, às almofadas, aos estofamentos e a certos ornamentos.

Conquanto o vermelho seja a cor do Rito Escocês Antigo e Aceito, como já reconhecia o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 8), o mais comumente encontrado é a recomendação para que as paredes e o teto do Templo sejam pintados em azul-celeste.

### A Corda de 81 Nós

No alto das paredes do Templo, entre as Colunas Zodiacais e a Abóbada Celeste, coloca-se a Corda de 81 Nós.

O nó central desta corda emblemática encontra-se sobre o Trono, acima do dossel, tendo de cada lado, quarenta nós equidistantes entre si, que se estendem pelo Norte e pelo Sul e cujas extremidades terminam, de cada lado da porta de entrada, pendentes, em forma de borlas que simbolizam Justiça e Prudência.

Esta proposta corrige o equívoco do Ritual de 1928 (1<sup>o</sup> Grau, págs. 11 e 13) ao determinar que se colocasse uma corda de 81 nós no soalho do Ocidente, cercado o pavimento mosaico, juntamente com a orla dentada, e, logo mais adiante (pág. 13), que fosse colocada uma outra corda de 81 nós em volta das paredes do Templo, "***cujas pontas penderão aos lados da entrada principal***". Com isso, teríamos, na decoração da Loja duas cordas de 81 nós, o que é inadmissível.

### O Portal

A comunicação com o exterior é feita por uma única porta, de duas folhas, situada no Ocidente, a meio da parede que faz frente com o Oriente, e de amplitude proporcional à largura do Templo. É necessário que a porta do Templo seja de duas folhas que se abrem para o Átrio.

Nos Templos Maçônicos, a função da porta de entrada é permitir a cobertura dos trabalhos, sem maiores significados.

Alguns ritualistas preconizam que a porta do Templo deva ter um postigo que permitiria ao Guarda do Templo (Cobridor Interno) verificar quem bate pedindo ingresso.

Na realidade a porta do Templo deveria ser construída em estilo Salomônico, ou seja, com quatro folhas. Mais correto, ainda, seria a porta de entrada ocupar toda a extensão da parede ocidental, como era no Templo de Jerusalém.

O Templo não deve ter janelas ou outras aberturas a não ser que por elas nada se possa ver do exterior. Esta regra deve ser observada para que não tenhamos, mais e mais, Lojas que enfileiram janelas nas paredes Norte e Sul dos seus Templos. Nesses casos a cobertura dos trabalhos é mera filigrana. Em lugar de abrir janelas, as Lojas deveriam dotar seus Templos de bons sistemas de circulação de ar.

## O Oriente e a Grade do Oriente

Ao fundo, fronteiro à porta de entrada, situa-se o Oriente, em nível superior ao do Ocidente e ao qual se sobe por um ou quatro degraus baixos. O Oriente é separado do Ocidente por uma balaustrada – a Grade do Oriente, emblema da Razão – composta por pequenas colunas, com altura de 1 metro a 1 metro e 30 centímetros, encimadas por uma barra horizontal, tendo ao centro um passadouro de amplitude proporcional à largura do Templo.

Não há obrigatoriedade que o acesso ao Oriente seja feito por quatro degraus, como é construída a maioria dos nossos Templos. Exige-se, apenas, que o Oriente esteja em um plano mais elevado que o Ocidente. Isso pode ser feito por apenas um degrau.

A propósito, veja-se o que determina o Ritual de 1898 (1º Grau, pág. 3), no que se refere aos degraus de acesso ao Oriente: **"A parte do fundo, para a qual se sobe por um degrau (ou por três pequenos degraus, si a altura da sala o permitir), chama-se Oriente; é separado, à direita e à esquerda, por uma balaustrada"**.

A adoção de quatro degraus na escada de acesso ao Oriente se deu com a edição do Ritual do Grau de Aprendiz editado em 1928 para uso das primeiras Grandes Lojas do Brasil, em nota de rodapé lançada à página 12, onde é ensinado ser necessário subir sete degraus para se chegar ao Trono, por quatro, de acesso ao Oriente, e mais três, de acesso ao Trono, ao tempo em que se lhes dá os nomes de **Força, Trabalho, Ciência e Virtude**.

Nesta mesma nota de rodapé, o Ritual supracitado ao afirmar que para **"chegar ao solio, onde fica o Throno do Ven.: M.: é necessário subir Sete (7) degraus, por Quatro (4) e Tres (3)"**, comete os seguintes equívocos: a) o Trono do Venerável Mestre não fica no sólio, pois o trono é o próprio sólio, uma vez que sinônimos; são a mesma coisa, portanto; b) confunde o Altar com o Trono do Venerável Mestre, ao mandar que sobre este repousem **"uma espada desembainhada, um malhete, objectos de ecripta e um candelabro de tres luzes"**; e c) os degraus pelos quais se chega ao Trono, se corretamente interpretados, são: 1 (um) do estrado do Altar do 1º Vigilante, mais 2 (dois) do estrado do Altar do 2º Vigilante, mais 1 (um) de acesso ao Oriente e mais 3 (três) do estrado do Trono, perfazendo, assim, um total de 7 (sete) degraus (1+2+1+3=7).

A subida e descida desses quatro degraus, quando existentes, não devem ser feitos um a um, formando esquadria a cada passo. Esta prática é inexistente no verdadeiro Rito Escocês Antigo e Aceito e, de resto, nos demais ritos maçônicos. Esses degraus devem ser ascendidos e descendidos, um a um, por passos normais, alternando-se os pés em cada degrau.

Entende-se, no entanto, que um degrau é suficiente para atender à tradição do Rito Escocês Antigo e Aceito e conferir maior beleza aos seus Templos.

### As Colunas do Pórtico

Junto à parede ocidental e ladeando o portal elevam-se as duas Colunas do Pórtico, de ordem egípcia, ocas, bronzeadas e de altura proporcional ao teto do Templo. As bases dessas colunas, arredondadas e sobre as quais se esculpem ou são pintadas folhas de papiro e lótus, devem ser largas até certo ponto do fuste o qual, por sua vez, vai se estreitando um pouco até o capitel, que termina em forma de açucena, dentro e em torno da qual se colocam o rendilhado de bronze e as romãs, estas em número de três.

A coluna colocada ao Norte, à esquerda de quem entra no Templo, tem insculpida no fuste a letra **B**, enquanto que a coluna colocada ao Sul, à direita de quem entra no Templo, tem insculpida no seu fuste a letra **J**, ambas em posição de leitura para o Venerável Mestre.

Essas colunas podem, ainda, ser encimadas, cada uma, por uma esfera representando o Globo Terrestre (Coluna **B**) e o Globo Celeste (Coluna **J**).

Conquanto a maioria das Lojas tenham as Colunas do Pórtico interiorizadas, o correto seria colocá-las no Átrio, a exemplo do Templo de Salomão.

Admite-se, no entanto, que estejam no interior do Templo, desde que junto à parede do Ocidente, ladeando a porta de entrada; o portal. Neste caso, o Guarda do Templo (Cobridor Interno) sentaria à esquerda da Coluna **J** e o Cobridor Externo à direita da Coluna **B**.

No caso em que as Colunas do Pórtico sejam interiorizadas, entre elas e a parede ocidental do Templo não deve haver espaço para circulação, uma vez que circular por trás das mesmas, como se vê em grande parte das Lojas, equívale a estar no Átrio.

### As Colunas Zodiacais

No Ocidente, ao longo das paredes Norte e Sul, pintadas ou em relevo, erguem-se as doze Colunas Zodiacais – equidistantes entre si e dispostas seis ao Norte e seis ao Sul –, figuradas por meias-colunas caneladas de ordem jônica, seccionadas no sentido vertical, ou seja, só a metade anterior delas emerge das paredes, num alto relevo, tendo, no seu capitel, os **pentaclos**. Começando por Áries, a noroeste, e terminando com Peixes, a sudoeste, a seqüência completa das Colunas Zodiacais é a seguinte: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão e Virgem, ao Norte, no sentido Ocidente-Grade do Oriente; e, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes, ao Sul, no sentido Grade do Oriente-Ocidente.

Observe-se, por fim, que as Colunas Zodiacais devem estar dispostas tão somente nas paredes Norte e Sul do Ocidente. No Oriente, nem, também, na parede do Ocidente, não deve ser colocada nenhuma Coluna Zodiacal.

### O Trono e os Altares das Luzes da Loja

No eixo longitudinal do Templo, próximo ao fundo do Oriente, sobre um estrado de três degraus semicirculares, que significam **Pureza, Luz e Verdade**, e sob um Dossel, confeccionado em damasco carmim com franjas douradas e sustentado por duas colunas compósitas ligadas por um arco que parte da parede de fundo, eleva-se o **Trono do Venerável Mestre**, ladeado por, apenas, duas outras cátedras de espaldar um pouco mais baixo.

Entre o Trono e a parede de fundo não deve haver espaço livre para circulação, pois não é permitido passar por trás do Trono e à frente do Delta Sagrado. Defendem os melhores ritualistas que a passagem por trás do Trono implica passar na frente do Delta Sagrado, por cima do estrado, o que, além de ser um erro é uma prática proibida, pois o Delta Sagrado tem que ser, sempre, visível a todos aqueles que estão no Templo, não podendo, a sua visão, ser obstruída por pessoas, ou por objetos (bastão), porque nos ritos teístas, como o Rito Escocês Antigo e Aceito, ele representa a presença de Deus, devendo, sempre estar à vista de todos.

O **Dossel** deve ser confeccionado em tecido carmim (cor vermelha muito viva), pois o vermelho é a cor do Rito Escocês Antigo e Aceito, como já reconhecia o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 8).

Alguns rituais editados no Brasil mandam que se coloque, pendente do centro da face anterior do Dossel, um triângulo equilátero tendo ao centro, suspensa por elemento invisível, a letra hebraica **IÔD**. Outros, mandam que na parte frontal do Dossel devem figurar o Compasso e o Esquadro cruzados em torno da letra **G**. Outros, ainda, que o Compasso e o Esquadro cruzados sejam substituídos pela Estrela Flamejante, quando não for possível a sua colocação no alto e no meio do Templo, entre o Sol do Oriente e a Lua do Ocidente. E, por fim, outros rituais nada mandam colocar na face anterior do Dossel.

Entendemos que mandar colocar **"um triângulo equilátero tendo ao centro a letra IÔD"** é repetir um símbolo já inserido no Painel do Oriente, ou seja, o Delta Sagrado.

Por outro lado, a Estrela Flamejante deve figurar no teto do Templo, por sobre o Altar do 2º Vigilante, e nada há que justifique a sua ausência nessa posição. Por outro lado, o Esquadro e o Compasso já figuram, juntamente com o Livro da Lei sobre o Altar dos Juramentos, como Paramentos da Loja.

Entendemos, ainda, que, se algo tivesse que ser colocado à frente do Dossel seria a **Estrela Hexagonal**, também conhecido como **Estrela de Davi** ou **Signo de Salomão**, ou, ainda, **Selo de Salomão**. Veja-se, ainda, por necessário, que o Compasso e o Esquadro cruzados compõem uma estrela de cinco pontas.

Restaram-nos, pois, três opções:

1. Nada ostentar no alto do Dossel;
2. Ostentar o Compasso e o Esquadro cruzados em torno da letra G;
3. Ostentar o Selo de Salomão.

O Projeto de Ritual do 1º Grau que integra esta proposta de revisão ritual contempla a **Estrela Hexagonal** como símbolo ostentado na face anterior do Dossel, em correspondência ao **Trono de Salomão**, conquanto se saiba que este, na verdade, somente existe na cerimônia de Instalação do Venerável Mestre.

À frente do Trono, sobressaindo-se sobre os demais em dimensão, fica o **Altar do Venerável Mestre**, com a face frontal voltada para o Oriente e sobre o qual estarão um malhete, um candelabro de três braços, uma coluneta jônica, a Espada Flamejante em seu escrínio, a Constituição e o Regulamento Geral da Federação, o Estatuto da Loja, um exemplar do Ritual do Grau e objetos de escrita.

Diante da face frontal do terço lateral esquerdo do Altar do Venerável, em correlação com o Secretário, fixado num pequeno cavalete posto no último degrau do estrado, coloca-se o quadro que contém a **Carta Constitutiva da Loja** e, em frente ao seu terço direito, em correlação com o Orador, igualmente disposta em um pequeno cavalete, coloca-se a **Prancheta da Loja**, gravada, no ângulo superior esquerdo, com a Cruz Quádrupla – formada por duas paralelas horizontais, cruzadas com outras duas verticais e símbolo da capacidade do homem, do que é limitado – e, no ângulo inferior direito, a Cruz de Santo André – uma cruz em forma de "xis", com quatro ângulos opostos pelo vértice e símbolo do infinito –, que são a chave do alfabeto maçônico, através do qual os Grão-Mestres deveriam comunicar a Palavra Semestral e ordens sigilosas. Sua colocação no Templo é, inexplicável e lamentavelmente, ignorada pelo Ritual de 1928 (1º Grau).

Convém não confundir a Prancheta da Loja com a Prancheta utilizada por engenheiros, arquitetos e desenhistas, vista em algumas Lojas e sobre a qual comumente são dispostos os utensílios maçônicos exigidos pelos Rituais de Iniciação, Elevação e Regularização, tais como o maço, cinzel, alavanca, esquadro, compasso, régua, cordel, lápis, etc.



Registre-se, para que não se repita o erro, o fato de que a maioria dos rituais estudados confunde, absurdamente, Trono com Altar, chegando o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 12) ao cúmulo de recomendar que o Trono deve ser de forma triangular e sobre o qual devem estar **"uma espada desembainhada, um malhete, objetos de escripta e um candelabro de três luzes"**.

Entende-se quão imaginoso seria uma cadeira de formato triangular; uma cadeira de três pernas. Mais difícil, ainda, é imaginar o Venerável Mestre sentado sobre uma espada e um candelabro, pois, como se sabe, trono é assento e não mesa, e colocar espada e candelabro sobre este é querer trespassar o Venerável Mestre com arma branca ou queimá-lo vivo.

Imagine-se, também, como seria dificultoso montar um Dossel (e não Docel, como grafado em muitos rituais) de formato triangular sobre uma armação em forma de arco, como recomenda o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 12).

À esquerda e um pouco à frente da Coluna **B**, elevados sobre um estrado de dois degraus, que significam **Justiça** e **Fortaleza**, ficam a Cátedra e o **Altar do 1º Vigilante**, aquela de espaldar inferior ao do Trono e este com a face frontal voltada para o Oriente e sobre o qual repousam um malhete, um candelabro de três braços, uma coluneta dórica e um exemplar do Ritual do Grau. À direita do Altar do 1º Vigilante, sobre o estrado, estará uma pedra de superfície lisa e polida, perfeitamente esquadriada e de faces iguais, denominada **Pedra Cúbica**.

O correto é **Pedra Cúbica** e não **Pedra Polida** como dito no Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 14), pois, como se sabe o trabalho do Aprendiz consiste em desbastar a Pedra Bruta, transformando-a num cubo que é um sólido geométrico perfeito, que se encaixa perfeitamente nas edificações, sem deixar espaços vazios. Assim a pedra pode ser polida, sem ter o formato cúbico exigido para o uso nas construções, uma vez que pode ter outros formatos geométricos.

O Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 14) é, também, impreciso no que se refere ao lugar do 1º Vigilante, ao determinar seu assento à esquerda da Coluna do Norte, quando este, na realidade, tem assento no Ocidente.

A meia distância entre a Coluna **J** e a Grade do Oriente, elevados sobre um estrado de um degrau, que significa **Prudência**, ficam a Cátedra e o **Altar do 2º Vigilante**, aquela de espaldar inferior ao do Trono e este com a face frontal voltada para o eixo longitudinal do Templo e sobre o qual descansam um malhete, um candelabro de três braços, uma coluneta coríntia e um exemplar do Ritual do Grau. À direita do Altar do 2º Vigilante, sobre o estrado, estará uma pedra áspera, de forma e contornos irregulares, denominada **Pedra Bruta**.

Os degraus de acesso aos Altares dos Vigilantes devem ser, igualmente, semicirculares, e os estrados que os suportam convenientemente dispostos, de modo a permitir livre circulação.

Os Altares das Luzes da Loja, todos de formato retangular, terão as faces frontal e laterais fechadas por painéis de madeira e serão revestidos de cortinado carmim orlado com franjas douradas, devendo o Altar do Venerável Mestre se sobressair em majestade sobre os demais e ter o seu terço médio construído em plano mais elevado que os seus terços laterais.

No centro das faces frontais de cada Altar deverá figurar a jóia representativa do respectivo cargo.

Em correspondência com que é adotado por boa parte das Grandes Lojas do Brasil, esta proposta de revisão ritual acolhe o formato retangular para os altares das Luzes, uma vez que no verdadeiro Rito Escocês Antigo e Aceito não existem altares ou mesas triangulares, pois, na verdade, o único triângulo que existe em Loja é o Delta Sagrado. E, ademais, há que se convir que os altares e mesas em forma de triângulo são até desconfortáveis, pois são incômodos, para se colocar objetos sobre elas. No Rito Moderno é que as mesas das Luzes e Oficiais são chamadas de **triângulos**, por terem, obviamente, este formato.

À esquerda desses Altares, conquanto não seja de uso obrigatório, costuma-se colocar, sobre pequenos pedestais, as estátuas de Júpiter ou Minerva (Venerável Mestre), Marte ou Hércules (1º Vigilante) e Afrodite ou Vênus (2º Vigilante). Sobre os Altares das Luzes da Loja pode haver uma base percussora sobre a qual serão dados os golpes de malhete.

#### As Jóias Fixas da Loja

As jóias fixas de uma Loja são: a **Prancheta da Loja**, a **Pedra Cúbica** e a **Pedra Bruta** que correspondem, respectivamente, ao Mestre, ao Companheiro e ao Aprendiz.

O Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 14) manda que sobre o Altar do 1º Vigilante seja colocada uma Pedra Bruta, e sobre o Altar do 2º Vigilante uma Pedra Polida, para, em seguida, contradizer-se, ao indicar que essas pedras devem ser colocadas junto às Colunas **B** (Pedra Bruta) e **J** (Pedra Polida), conforme se prova do Plano do Templo (pág. 15), posição esta que pode ser considerada correta pela correspondência simbólica das colunas. Com isto, comete os seguintes equívocos:

1. Estabelece duas normas distintas para um mesmo procedimento;

2. Confunde Pedra Polida com Pedra Cúbica;
3. Manda que as pedras sejam colocadas sobre os Altares dos Vigilantes;
4. Faz a Pedra Bruta corresponder ao 1º Vigilante e a Pedra Polida ao 2º Vigilante.

Como se sabe, o trabalho do Aprendiz consiste em desbastar a Pedra Bruta, transformando-a num cubo que é um sólido geométrico perfeito, pois se encaixa nas construções perfeitamente, sem deixar espaços vazios. Assim a pedra pode ser polida, sem ter o formato cúbico exigido para o uso nas construções. Portanto, a terminologia correta é Pedra Cúbica e não Pedra Polida.

Sabendo-se que, tradicionalmente, compete ao 2º Vigilante, e não ao 1º Vigilante, instruir os Aprendizes e ao 1º Vigilante instruir os Companheiros, ao contrário do que tem sido apregoado ao longo de todos esses anos, entende-se que a Pedra Bruta deve ser colocada junto ao Altar do 2º Vigilante e a Pedra Cúbica junto ao Altar do 1º Vigilante.

Embora tenham, os Aprendizes, assento na Coluna do Norte, dirigida pelo 1º Vigilante, compete ao 2º Vigilante – que fica de frente para os Aprendizes – a sua instrução e orientação. E, como o trabalho deles é na Pedra Bruta, devem, para isso, ser orientados e ensinados pelo 2º Vigilante, o que torna óbvio que esta Jóia Fixa deverá estar junto a ele.

O fato dos Aprendizes estarem na Coluna do Norte, portanto, não impede que seja obedecida a norma tradicional segundo a qual o 2º Vigilante é o instrutor e mentor deles. Considera-se, pois, inaceitável o argumento de que a Pedra Cúbica deve ser colocada junto ao Altar do 2º Vigilante porque este dá as ordens na Coluna do Sul, onde têm assento os Companheiros, e que a Pedra Bruta deve ser colocada junto ao Altar do 1º Vigilante porque este dá as ordens na Coluna do Norte, onde têm assento os Aprendizes. Na verdade, o 1º Vigilante não tem assento na Coluna do Norte, mas sim no Ocidente, e, na qualidade de segunda Luz da Loja cabe-lhe instruir os Companheiros Se aceito fosse esse argumento, os Mestres deveriam, então, ter assento no Oriente, já que instruídos pelo Venerável Mestre que tem a Prancheta da Loja exposta junto ao seu Altar. Em decorrência desse argumento vesgo e por mais incrível que possa parecer, há Irmãos que chegam, inclusive, a cometer o absurdo de afirmar, com **"alardeada sabedoria e experiência"**, que os Aprendizes têm assento na Coluna do Norte, os Companheiros na Coluna do Sul e os Mestres na Câmara do Meio. Estes, com certeza, ignoram que Câmara do Meio é o nome que se dá à Loja do terceiro grau do simbolismo maçônico.

Além disso, como já se viu, a cada uma das três Jóias Fixas, inerentes, cada uma delas, a um dos três Graus Simbólicos, corresponde uma das Luzes: Pedra Bruta, ao 2º Vigilante, Pedra Cúbica, ao 1º Vigilante, e Prancheta, ou Tábua de Delinear, ao Venerável Mestre. Como esta última fica no Oriente, à frente do Altar da Sabedoria, as outras duas, logicamente, deverão estar junto à Dignidade a que correspondem.

Não é lógico nem racional entender-se que o 1º Vigilante **comande** os Aprendizizes, enquanto o 2º Vigilante **comanda** os Companheiros, que, na escala evolutiva maçônica, estão acima daqueles. Seria uma incoerência a Dignidade mais graduada (1º Vigilante) instruir Obreiros menos evoluídos (Aprendizes), enquanto à Dignidade menos graduada (2º Vigilante) competiria instruir os Obreiros mais aperfeiçoados (Companheiros). Seria o mesmo que um tenente comandar soldados enquanto um sargento comandaria os cabos.

Levemos, ainda, em conta o seguinte:

1. O dirigente de toda Loja é o Venerável Mestre, que dirige as Colunas através dos Vigilantes;
2. O 1º Vigilante é o dirigente de ambas as Colunas, do Ocidente, mas a Coluna do Sul ele dirige através do 2º Vigilante;
3. O 2º Vigilante dirige a Coluna do Sul, prestando contas ao 1º Vigilante, que as presta ao Venerável Mestre, instruindo os Aprendizizes, por delegação de ambos.

Observe-se, ainda, que, no Painel Alegórico da Loja de Aprendiz (Painel de Harris), a Pedra Cúbica está ao lado da coluna dórica, correspondente ao 1º Vigilante.

Note-se, por fim, que tanto no Painel Simbólico da Loja de Aprendiz quanto no Painel Simbólico da Loja de Companheiro a Pedra Bruta está em correspondência com o Prumo (Jóia do 2º Vigilante) e a Pedra Cúbica em correspondência com o Nível (Jóia do 1º Vigilante).

Portanto, entende-se que a Pedra Cúbica deva ser colocada ao lado do Altar do 1º Vigilante e a Pedra Bruta junto ao Altar do 2º Vigilante. Este equívoco quer vem de muito longe decorre da confusão que se faz, até hoje, das diversas aplicações da expressão "colunas" em maçonaria. Assim, dentre estas, teríamos:

1. A coluna do Aprendiz, que é a Coluna **B**, colocada à esquerda da entrada do Templo;
2. A coluna do Companheiro, que é a Coluna **J**, colocada à direita da entrada do Templo;
3. A Coluna do Sul, onde têm assento os Mestres e, na última fileira de assentos, junto à parede, os Companheiros;
4. A Coluna do Norte, onde têm assento os Mestres e, na última fileira de assentos, junto à parede, os Aprendizizes.

### As Mesas das Dignidades e Oficiais

No Oriente, de cada lado da entrada e próximos às paredes laterais e à Grade do Oriente, ficam, frente a frente, uma mesa e um assento destinados, à direita do Trono, ao Orador, e, à esquerda do Trono, ao Secretário. Sobre a mesa do Orador estarão a Constituição e o Regulamento Geral da Federação, o Estatuto da Loja, um exemplar do Ritual do Grau e material de escrita, enquanto que sobre a mesa do Secretário, além do material de escrita, estarão, também, os Livros de Balaústres.

No Ocidente, próximos às paredes laterais e à Grande do Oriente, ficam, frente a frente, uma mesa e um assento destinados, à direita do Orador, ao Tesoureiro, e, à esquerda do Secretário, ao Chanceler. Sobre a mesa do Chanceler estarão as Tábuas da Loja destinadas ao registro de presença dos Obreiros do quadro e visitantes.

As mesas e assentos do Orador, Secretário, Tesoureiro e Chanceler ficam postos diretamente sobre o piso, aquelas com as faces frontais voltadas para o eixo longitudinal do Templo e estes de espaldar inferior às Cátedras dos Vigilantes. As mesas das Dignidades e Oficiais têm o formato retangular, com as faces laterais e frontal fechadas por painéis de madeira e revestidos de cortinado carmim orlado com franjas douradas. No centro das faces frontais de cada mesa deverá figurar a jóia representativa do respectivo cargo.

Nota-se, por necessário, que a determinação para que as mesas das Dignidades e Oficiais tenham a forma retangular não se trata de nenhuma invenção ou inovação pretendida por esta proposta de revisão ritual, é correção, uma vez que tal determinação já estava contida no Ritual de 1928 (1º Grau, págs. 12 e 13).

Observa-se, também, que esta proposta de revisão ritual não se refere às mesas do Orador, Secretário, Tesoureiro e Chanceler como Altares, pois, a rigor, dentre as mesas das Luzes, Dignidades e Oficiais, a do Venerável Mestre é a única que deveria ser, assim, denominada, reconhecendo-se, portanto, condescendência em se manter esta denominação para as mesas dos Vigilantes.

Em relação à iluminação das mesas das Dignidades e Oficiais, não há obrigatoriedade de sobre elas serem colocados castiçais, de um ou dois focos. O que pode haver sobre essas mesas é um pequeno abajur de luz baixa com a finalidade de facilitar a leitura e a escrita. Mandar colocar, pois, duas luzes sobre as mesas do Tesoureiro e do Secretário, como faz o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 13), é determinação descabida uma vez que, à exceção dos Altares das Luzes, as mesas das Dignidades e Oficiais não ostentam nenhuma iluminação litúrgica.

Em relação ao Ritual de 1928 (1º Grau), observa-se, ainda, que:

1. A bolsa coletora do Tronco de Solidariedade deve ficar à mão do Hospitaleiro, p. ex., suspenso ao seu assento, e não sobre o Altar do Tesoureiro (pág. 13);

2. A bolsa coletora de Propostas e Informações deve ficar à mão do Mestre de Cerimônias, p. ex., suspenso ao seu assento, e não sobre o Altar do Secretário;

3. Ao invés de registro de presença, seria mais correto dizer "Tábuas da Loja destinadas ao registro de presença de Obreiros do quadro e de Visitantes";

4. A caixa dos escrutínios deve ficar à mão do Mestre de Cerimônias e não sobre a mesa do Chanceler.

### Os Lugares dos Oficiais e Obreiros

A colocação dos demais Oficiais da Loja obedecerá ao traçado do Plano do Templo, assentando-se os correspondentes Adjuntos à direita ou à esquerda dos correspondentes titulares, conforme as conveniências de espaço.

À direita dos assentos do Mestre de Cerimônias e dos Diáconos deve haver um suporte para os respectivos bastões.

As bolsas destinadas à coleta de Propostas e Informações e do Tronco de Solidariedade devem ficar à mão do Mestre de Cerimônias e do Hospitaleiro, respectivamente.

No Ocidente, distribuídos de um e outro lado do eixo longitudinal do Templo, estendem-se fileiras de assentos, denominadas de Coluna do Norte e Coluna do Sul. A primeira fileira de assentos, junto às paredes laterais, destina-se, no Norte, aos Aprendizes e, no Sul, aos Companheiros. À frente dessas fileiras, em ambas as Colunas, colocam-se os assentos destinados aos Mestres.

No Oriente, junto às paredes laterais e de fundo e diretamente sobre o piso, são colocados os assentos reservados, à esquerda do Trono, para os Mestres Instalados e, à direita do Trono, para as autoridades do Simbolismo Maçônico.

### O Retábulo ou Painel do Oriente

Ressalta-se, em princípio, o fato de que o Ritual de 1928 (1<sup>o</sup> Grau) é omissivo quanto ao Painel do Oriente, o que é inadmissível.

Como se sabe, o Retábulo, ou Painel do Oriente, de base azul-celeste, emoldurado de vermelho e dourado e ladeado por duas meias-colunas de ordem jônica, fica colocado atrás do Trono, junto à parede de fundo do Templo, iluminado, ao centro, pelo **Delta Sagrado**, com raios partidos de seus lados e ostentando no seu interior o Olho Onividente, ou o nome hebraico de Deus – formado pelas letras hebraicas **IÔD-HÉ-VAV-HÉ**

–, ou, ainda, pelo menos, a primeira letra deste nome – **IÔD** –, tendo à sua direita o **Sol**, em todo o seu esplendor radiante, e, à sua esquerda a **Lua**, em quarto crescente.

É conveniente observar que o Delta Sagrado deve ficar a uma altura tal que jamais seja encoberto pelo Venerável Mestre quando de pé e que, entre o Retábulo e a parede de fundo do Oriente, não deve existir espaço para circulação, como se vê em alguns Templos, inclusive de Grandes Lojas.

É importante observar, ainda, que **o Sol deve estar, sempre, no lado em que se encontra o Orador**, pois este, na correspondência cósmica e mitológica simboliza o Sol, ou o deus grego Apolo, enquanto que a Lua estará no lado em que se encontra o Secretário, que, na correspondência cósmica e mitológica, representa a Lua, ou a deusa grega Ártemis (Diana, dos romanos), deusa da Lua, da caça e das flores.

Essa posição do Sol e da Lua nada tem a ver com o fato de que no hemisfério Norte, berço da Maçonaria, o Sul é mais iluminado do que o Norte, o que faz com que algumas Lojas invertam as posições do Sol e da Lua, colocando o primeiro em correspondência com o Secretário e esta última em correspondência com o Orador, o que é errado. Por uma questão de padronização ritual mundial, deve-se admitir, também, aqui no hemisfério Sul, o Norte como a região menos iluminada. A posição do Sol e da Lua no Retábulo, portanto, não tem a ver com o lugar onde têm assento os Aprendizes e Companheiros, como apregoado por alguns.

Convém, também, lembrar que, ao contrário do que querem alguns, não existe o Norte do Oriente nem o Sul do Oriente; Oriente é Oriente e ponto final.

### O Altar dos Juramentos

No Ocidente, no centro geométrico do Templo, coloca-se o Altar dos Juramentos, em forma de prisma quadrangular, com ângulos retos e lados iguais, e medindo cerca de 1 metro de altura, sobre o qual repousam o Livro da Lei, um Esquadro, com os ramos iguais, e um Compasso, aberto num ângulo de 45º, que juntos, representam as **TRÊS GRANDES LUZES EMBLEMÁTICAS DA MAÇONARIA**.

Em defesa da forma do Altar dos Juramentos, invoca-se a passagem bíblica que relata a feitura do **altar do holocausto**, determinada por Deus a Moisés: **"Fez também o altar do holocausto de madeira de acácia; de cinco côvados era o seu comprimento e de cinco côvados a sua largura, quadrado, e de três côvados a sua altura"** (Êxodo, 38:1).

Em Loja aberta o Compasso terá, sempre, as hastes voltadas para o Ocidente, enquanto que o Esquadro terá seus ramos voltados para o Oriente.

É importante observar que, ao contrário do que manda o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 13), nos Graus Simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito o Compasso deve ter uma abertura de 45º e não de 60º. No Rito Escocês Antigo e Aceito, o Compasso tem uma abertura de 60º na jóia do 5º Grau e uma abertura de 90º nas jóias dos Graus 14º e 18º.

O Altar dos Juramentos terá gravado, em sua face oriental, um círculo com um ponto no centro, limitado, ao Norte e ao Sul, por duas linhas paralelas. Próximos a este Altar poderão ser colocados três castiçais, medindo 1 metro e 12 centímetros de altura e encimados por uma vela de cera amarela, dispostos no centro das faces oriental, norte e sul, formando um triângulo entre si.

Segundo o entendimento dos melhores ritualistas, constitui erro crasso ornar o Altar dos Juramentos com chifres ou chamas, sendo este apenas uma peça do mobiliário do Templo e, na verdade, um complemento do Altar do Venerável Mestre. Entendem, também, esses ritualistas que o Altar dos Juramentos deve ser colocado no Oriente e não no Ocidente.

#### O Painel Simbólico do Grau e o Painel Alegórico da Loja

No eixo longitudinal do Templo, entre a Grande do Oriente e o Altar dos Juramentos, estende-se, sobre um cavalete, voltado para o Ocidente, o Painel Simbólico do Grau, de modo a permitir a livre circulação entre o Norte e o Sul. Entre o Painel Simbólico do Grau e o Altar dos Juramentos deve haver espaço suficiente para a passagem de uma pessoa.

A questão dos painéis da Loja de Aprendiz-Maçom é uma das mais controvertidas da ritualística maçônica.

Comumente, os nossos Rituais apresentam, em suas ilustrações, um quadro a que dão o nome de **LOJA DE APRENDIZ** e outro a que denominam **PAINEL DA LOJA DE APRENDIZ**.

O primeiro – Loja de Aprendiz – é, na realidade, o **PAINEL SIMBÓLICO DO GRAU DE APRENDIZ-MAÇOM**, faltando-lhe acrescentar, apenas, a Orla Dentada, com os símbolos dos quatro pontos cardeais. Esse Painel é que deve ser exposto em Loja aberta.

O segundo – Painel da Loja de Aprendiz – corresponde ao **PAINEL ALEGÓRICO DA LOJA DE APRENDIZ-MAÇOM**. Esse é o Painel que, correntemente, se vê exposto em Loja aberta, mas que deveria ficar exposto no Oriente, à esquerda e à frente do Trono, entre o Altar do Venerável e a mesa do Secretário.



O mesmo princípio é aplicado ao Ritual do Grau de Companheiro-Maçom, enquanto que em Loja de Mestre-Maçom não existe o Pannel Alegórico.

### O Altar dos Perfumes

O Altar dos Perfumes – denominado, também, em determinadas cerimônias maçônicas, de Altar da Consagração –, é um pequeno móvel em forma de prisma quadrangular, com ângulos e lados iguais. Sobre este Altar estarão um incensório e um vasilhame contendo os perfumes (incensos) a serem queimados.

O Altar dos Perfumes deve ser colocado próximo ao centro da Grande do Oriente, de modo a permitir espaço suficiente para que em caso de acesso ao Oriente ou saída deste se possa parar e fazer a saudação ao Delta Sagrado.

A propósito, é difícil compreender como colocar uma trípode (peça de três pés) sobre o Altar dos Perfumes, como manda o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 13). Na verdade, como já se disse, o Altar dos Perfumes tem por base uma coluna torsa (torcida) apoiada sobre uma trípode e não uma trípode colocada sobre ele.

Conquanto alguns ritualistas afirmem que esse Altar não existe no original Rito Escocês Antigo e Aceito, outros admitem sua existência. A respeito, assim se pronuncia o Irmão Boanerges Barbosa de Castro: ***"O Altar dos Juramentos, que antes era fora do pórtico, absorveu o Altar dos Perfumes ou afastou este último para o Oriente ocupando o seu lugar no centro da Loja, sobre o Pavimento de Mosaicos"***.

Em defesa da existência e forma do Altar dos Perfumes, invoca-se a passagem bíblica que relata a feitura do **altar do incenso**, determinada por Deus a Moisés: ***"De madeira de acácia fez o altar do incenso; de um côvado era o seu comprimento, e de um côvado a sua largura, quadrado, e de dois côvados a sua altura; as suas pontas formavam uma só peça com ele"*** (Êxodo, 37:25).

### O Mar de Bronze

A expressão **Altar das Oblações**, como consta do Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 12)), é imprópria, uma vez que **oblação** – do latim **oblacione** – significa ***"ação pela qual se oferece qualquer coisa a Deus ou aos santos; oferenda feita a Deus ou aos santos; oblata; oferecimento a Deus do pão e do vinho, feito pelo sacerdote; qualquer oferta ou oferecimento"***. O termo oblação, como se pode ver, em nada espelha a utilidade de tal utensílio na liturgia maçônica.

A expressão correta é **Altar das Abluções**, pois, como se sabe *ablução* – do latim *ablutione* – significa lavagem ou Ritual de Purificação por meio da água, praticado em várias religiões. Aí, sim, com significado correspondente à terceira prova e segunda viagem do Ritual de Iniciação.

Segundo o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 12), o Altar das Abluções, sobre o qual descansa o Mar de Bronze, deve estar colocado entre a porta de entrada e o Sul, ou seja, junto à parede ocidental, a meio caminho entre a Coluna J e a Coluna de Harmonia. Outros Rituais mandam que o Mar de Bronze seja colocado na região sudoeste do Templo. Outros, ainda, são incisivos: o Mar de Bronze deve ser colocado no ângulo sudoeste do Templo.

Na verdade, os textos rituais e os ritualistas são contraditórios ao determinarem a correta localização do Mar de Bronze. Uns, inclusive, determinam um mesmo lugar para o Mar de Bronze e a Coluna da Harmonia, o que contraria a lei da física segundo a qual dois corpos não podem ocupar, ao mesmo tempo, o mesmo lugar no espaço.

No que diz respeito à colocação do mar de bronze, deve-se, por necessário, dedicar especial atenção aos textos bíblicos concernentes à construção do Templo de Salomão. Em Reis I, 7:39, vamos encontrar a seguinte disposição: **"E, das dez bases, pôs cinco na parte direita do templo, e cinco na esquerda; e pôs o mar na parte direita do templo, entre o oriente e o meio-dia"**. Já em Crônicas II, 4:10, temos: **"E colocou o mar ao lado direito contra o oriente, ao meio-dia"**. Portanto, segundo o 1º Livro dos Reis I (Reis III, na bíblia católica) o mar de bronze seria colocado a **SUDESTE**, enquanto que segundo o 2º Livro das Crônicas (Paralipômenos II, na bíblia católica) sua colocação pode ser interpretada como sendo a **SUDOESTE**, uma vez que a expressão **"contra o oriente"** pode ser entendida como **"em direção oposta ao oriente"**, ou seja **"na direção do ocidente"**. Com efeito, sabendo-se que a expressão meio-dia corresponde ao ponto cardeal sul e que o ocidente corresponde ao ponto cardeal oeste, a porção do hemisfério terrestre compreendido entre o sul e o leste é o sudoeste.

Levando-se em conta, ainda, a correspondência com o Templo de Salomão e sabendo-se que a orientação deste era do Oriente para o Ocidente, onde estavam o Santo dos Santos e o Santo, cuja localização no Templo Maçônico corresponde ao Oriente, o Mar de Bronze deve ser colocado a **SUDOESTE** – no canto formado pelas paredes sul e ocidental. O que não se pode admitir, sob hipótese alguma, é que se mande colocar o Mar de Bronze **"entre a entrada principal e o Norte"** ou a **"Noroeste"**, pois isso é aberração litúrgica.

Esta proposta de revisão ritual coloca, pois, o **ALTAR DAS ABLUÇÕES** no **ângulo sudoeste** do Templo, o qual pode ter a superfície triangular, embasada sobre uma coluna torsa apoiada sobre uma trípole.

### A Inexistente Pira do Fogo Sagrado

Alguns Rituais mandam que entre a entrada principal e o Norte seja colocado o **Altar das Abluções**, sobre o qual descansa o Mar de Bronze, e ao Sul a **PIRA DO FOGO SAGRADO**.

Esses mesmos Rituais não dão qualquer pista sobre o que seria essa tal **PIRA DO FOGO SAGRADO**. E, assim fazem, porque a tal pira é ornamento estranho ao Rito Escocês Antigo e Aceito.

Se a explicação fosse que a tal pira representaria a presença de Deus, a exemplo do que acontece nos templos católicos, lembra-se que tal simbolismo, no Rito Escocês Antigo e Aceito, é próprio e particular do Delta Sagrado.

Face a este argumento é, também, ornamento estranho ao Rito Escocês Antigo e Aceito a lâmpada acesa no interior de um recipiente de cristal de cor rubi que se vê pendente do teto sobre o centro do Oriente em alguns Templos. Tal ornamento é próprio dos templos católicos, onde arde perpetuamente como simbolizo do reflexo da Divindade.

Convém ilustrar que no Rito Adoniramita existe, junto ao Altar, a **Chama Eterna**, usada para acender as chamas dos Altares do Venerável Mestre e dos Vigilantes, concretizando o simbolismo da iluminação do Templo, não tendo, no entanto, nada a ver com a tal "**Pira do Fogo Sagrado**".

Já no Rito de Schroeder existe algo parecido com o preconizado na proposição: uma vela fixa, chamada "**A Luz do Mestre**", colocada sobre o Altar do Venerável Mestre, a partir da qual são acesas as velas dos Altares ou mesas dos Vigilantes e as velas das colunas dos ângulos nordeste, noroeste e sudoeste do Tapete.

O que se encontra em alguns Rituais do Rito Escocês Antigo e Aceito é o **ALTAR DO FOGO DA PURIFICAÇÃO**, o qual, colocado a noroeste do Templo, em posição oposta ao Altar das Abluções, é, por ocasião das iniciações, levado ao eixo longitudinal no momento oportuno. Estes altares podem ter o mesmo formato que o Altar das Abluções.

### O Pavilhão Nacional

Entende-se que o Pavilhão Nacional deverá ser exposto em suporte próprio para tal fim e colocado no Oriente, sobre o estrado, à direita do assento que ladeia o Trono.

O uso do Pavilhão Nacional nos Templos Maçônicos deve ater-se ao disposto na legislação civil pertinente quando ao seu uso em salas e salões, o qual é regulamentado pela Lei Nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, com as alterações do Decreto-Lei Nº 5.812,

de 13 de outubro de 1972, da Lei Nº 6.013, de 27 de maio de 1981 e da Lei Nº 8.421, de 11 de maio de 1992.

Assim, nos Templos Maçônicos do Rito Escocês Antigo e Aceito a Bandeira Nacional deverá ficar hasteada em suporte próprio posto sobre o estrado, à direita do Trono, imediatamente após os assentos que o ladeiam, como já se disse.

Conquanto seja essa regulamentação já bastante antiga, muitas Potências Maçônicas inserem em seus regulamentos e rituais práticas contrárias à legislação federal pertinente. Hastear o Pavilhão Nacional no extremo interno Norte da Grade do Oriente, como determinam alguns rituais, é desrespeitar a lei nacional, além de impedir a visão do Venerável Mestre de todos os Irmãos.

Considera-se, no entanto, que o hasteamento da Bandeira Nacional é matéria regulamentar e não ritual. Quanto ao Culto ao Pavilhão Nacional, entende-se deva ser tratado em Ritual Especial, abrangendo sua entrada, hasteamento, saudação e retirada.

#### O Estandarte da Loja

O Estandarte da Loja, em Loja Aberta, deverá ser exposto em suporte próprio colocado nas proximidades do extremo Sul da passagem da Grade do Oriente, à frente e à esquerda do assento do Porta-Estandarte.

Estando a Loja fechada, o Estandarte deve ser recolhido e guardado em lugar apropriado.

É absolutamente inadmissível dispor nas paredes do Oriente suportes para arvorar os estandartes das Lojas visitantes.

#### O Átrio

O Átrio, compartimento vestibular do Templo, é uma antecâmara que precede o Pórtico e faz comunicação com a Sala dos Passos Perdidos e a Câmara de Reflexão, tidos, então, como anexos do Templo. No Átrio é que devem ficar o assento do Cobridor Externo e as estrelas para a recepção dos visitantes.

### O Teto do Templo

A decoração estelar dos tetos dos Templos Maçônicos, conquanto não seja obrigatória, é habitual no Rito Escocês Antigo e Aceito, dentre aqueles reconhecidos pelas Grandes Lojas do Brasil.

O teto do Templo representa, pois, a Abóbada Celeste com as nuances de cor (do vermelho ao alaranjado, ao amarelo, ao azul e ao negro), mostrando a transição do dia, ou da Luz (Oriente), para a noite, ou para as trevas (Ocidente).

No Oriente, um pouco à frente do dossel, o **Sol**, com raios dourados; sobre o Altar do 1º Vigilante, a **Lua**, e, sobre o Altar do 2º Vigilante, uma estrela, prateada, de cinco pontas, cercada por flamas ígneas – a **Estrela Flamejante** – ostentando ao centro a letra **G**.

À direita e um pouco à frente do Sol, Mercúrio, sob a forma de um disco vermelho-escuro, e, à esquerda e um pouco mais à frente do Sol, Júpiter, que tem a forma de um disco alaranjado com estrias amarelas. Estes emblemas, pintados ou em relevo, poderão ficar pendentes do teto.

No Ocidente, ao centro, três estrelas da constelação de Órion, alinhadas de Norte a Sul; entre estas e o nordeste, Aldebaran, as sete Plêiades e as cinco Híades, dispostas em esquadria; a meio caminho entre Órion e o noroeste, Régulus, da constelação do Leão; ao Norte, **sete estrelas da constelação da Ursa Maior**; a nordeste, Arturus, da constelação do Cocheiro; a leste, Spica, da constelação da Virgem; a oeste, Antares, da constelação do Escorpião; ao Sul, Fomalhaut, da constelação do peixe Austral; e entre a Lua e Antares, Vênus, em forma de pequena lua prateada, e, entre Órion e Antares, Saturno, sob a forma de um disco amarelo-limão com seus anéis concêntricos e seus **dez satélites**.

As estrelas são amarelas, exceto Arturus, que é vermelha. As estrelas principais são as de Órion, as Híades, as da Ursa Maior e as Plêiades. Aldebaran, Arturus, Régulus, Antares e Fomalhaut são maiores que as demais por serem consideradas estrelas reais.

### A Sala dos Passos Perdidos

Contígua ao Átrio deve existir uma ante-sala tão confortável quanto possível, para a recepção dos visitantes e permanência dos Obreiros antes do início dos trabalhos, a qual recebe a denominação de Sala dos Passos Perdidos, cujo mobiliário será adequado às posses da Loja, devendo apresentar quadros alegóricos, estátuas, quadro de avisos, retratos de personalidades maçônicas ou históricas, poltronas e uma pequena mesa com cadeira, sobre a qual descansam os Livros de Presenças onde todo Obreiro, do Quadro ou visitante, deve lançar o seu **ne varietur**.

Conquanto alguns ritualistas digam que o Templo Maçônico guarda relação direta com o Templo de Salomão e que o Parlamento Inglês copiou a disposição dos altares e lugares que os Irmãos ocupam em Loja, considera-se que tal afirmação carece de fundamento histórico.

Como se sabe, o Parlamento Inglês foi criado no século XIII, no ano de 1297, durante o reinado de Eduardo I, filho de Henrique III, Por outro lado, somente no dia 1<sup>o</sup> de maio de 1775 é que a Grande Loja de Londres fez lançamento da pedra fundamental daquele que seria o primeiro Templo Maçônico, inaugurado e consagrado a 23 de maio de 1776.

Portanto, sendo o Parlamento Inglês muito mais antigo do que a Maçonaria Especulativa, foi o Templo Maçônico que copiou aquele no que concerne à disposição dos altares e Irmãos, inclusive a própria Sala dos Passos Perdidos.

Assim, a Sala dos Passos Perdidos não é uma invenção da Maçonaria, mas uma cópia do Parlamento Inglês.

#### A Câmara de Reflexão

A Câmara de Reflexão é um pequeno recinto onde se recolhe o Iniciando antes de ser introduzido no Templo para, aí, firmar o seu Testamento Moral e Filosófico.

Suas paredes devem ser de pedra ou, pelo menos, imitação de pedra, não podendo receber qualquer luz do exterior.

Sua localização é variável, dependendo das dimensões do Templo e da disposição deste em relação às demais dependências do edifício da Loja, e o seu mobiliário, tosco, é composto por um banco e uma pequena mesa, sobre a qual, além do material de escrita, impressos do testamento e uma campainha, estarão, também, um foco de luz fosca e tênue – fornecido por uma lâmpada a querosene ou por uma vela num castiçal –, uma ampulheta, um crânio humano com duas tíbias cruzadas, um pedaço de pão de trigo, uma jarra com água e três recipientes com sal, enxofre e mercúrio, com as respectivas identificações.

Em suas paredes, de cor negra, figuram emblemas fúnebres e inscrições admonitórias gravadas em tinta branca, conforme indicado no Projeto de Ritual do 3<sup>o</sup> Grau que integra esta proposta ritual.

Sabe-se hoje, que ser de todo preferível a expressão ***Câmara de Reflexão*** em lugar de ***Câmara das Reflexões***, termo mais apropriado, considerando-se reflexão no sentido de meditação, recolhimento.

Câmara de Reflexões, termo usado no Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 17) e, também, nos seus sucedâneos, é mais compatível com uma "**câmara onde sejam estudados fenômenos físicos de reflexão (do som, da luz, etc.)**". Além disso, é desnecessário, no caso, o plural para as palavras meditação e recolhimento.

É inaceitável que a Câmara de Reflexão tenha comunicação direta com o Templo, como determina o Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 17). Nada há no desenvolvimento do Ritual de Iniciação que autorize tal disposição. A comunicação da Câmara de Reflexão deve ser, única e exclusivamente, com o Átrio.

Que o G.:A.:D.:U.: nos proteja, ilumine e guie para todo o sempre.

#### Bibliografia:

ABRINES, Frau e ARDERIU, Arus. Dicionário Enciclopédico dela Masonería. Kier S/A, Buenos Aires, Argentina, 1962.

GOULD, Robert Freke. The History of Freemasonry. Thomas C. Jack, London, 1887.

GRANDE ORIENTE DE FRANCE. Prólogo do Ritual Rite Écossais Ancien & Accepté. Paris, 2000.

HORNE, Alex. O Templo do Rei Salomão na Tradição Maçônica. Pensamento, São Paulo, 1999.

LANTOINE, Albert. Histoire de la Franc-Maçonnerie Française. Slatkine Reprints, Genève-Paris, 1981.

NAUDON, P. Histoire, Rituels et Tuiler des Hauts Grades Maçonniques. Dervy Livres, Paris, 1984.

PALOU, Jean. A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática. Pensamento, São Paulo, 1998.

PROBER, Kurt. História do Supremo Conselho do Grau 33º do Brasil. Livraria Kosmos Editora, Rio de Janeiro, 1981.

STEVENSON, David. As Origens da Maçonaria – O Século da Escócia (1590-1710). Madras Editora, São Paulo, 2005.